

MEMÓRIAS DA MARGINALIDADE NA LAPA DE AGUINALDO SILVA



Carlo Lemeira/AE



Aguinaldo Silva, hoje um dos mais festejados autores da Rede Globo, e nos tempos da velha Lapa, com os amigos (na foto menor, é o 3º da esquerda para a dir.)

O autor de novelas, romances policiais e seriados para a TV mergulha em sua paixão pela Lapa carioca, escrevendo as memórias de uma vida boêmia, marginal e apaixonada. *Lábios que Beije*, que a Brasiliense vai editar, é um retrato romancado de uma época de noite alegres e dias amargos.

Aos 47 anos de idade, Aguinaldo Silva dá uma folga ao festejado autor de novelas da Globo e escreve um apaixonado livro de histórias e memórias da velha Lapa carioca. Alguns amigos leram o romance-memória em que Aguinaldo jovem é personagem de Aguinaldo maduro, e se indagam sobre a forma descarnada, veemente e realista com que as coisas são contadas. Seria preciso ir tão longe? Não é constrangedor para o homem de sucesso, que vive hoje num burguês apartamento, diante da lagoa de Marapendi, na Barra da Tijuca, contar episódios que se passam em uma pensão sórdida, onde era ameaçado por um antipático porteiro espanhol de ser jogado na rua se não pagasse a miserável quantia que muitas vezes não tinha? E mais: para que falar tanto de um amigo marginal, que, certa vez, o levava... até a... roubar os dólares da carteira de um marinheiro americano... bêbado... São histórias de *Lábios que Beije*, livro que acaba de escrever e acaba de entregar ao editor Caio Graco Prado, da Brasiliense.

Aguinaldo Silva, há uns bons anos, é um boêmio aposentado. Bebidas alcoólicas? Quase nada. Nada de drogas. Nada de dormir tarde demais. Todas as manhãs, às seis e pouco já acordou e vai dar uma caminhada pela praia. Depois, é escrever, escrever e escrever, como um bom escritor ou escravo da condição de bem remunerado autor de novelas globais. Agora mesmo acabou de escrever no moderníssimo computador que ganhou da Globo, como prêmio pelo sucesso de *Riacho Doce*, um "telefilme" de uma hora e meia, uma história que se passa numa cidadezinha do interior de Minas, onde, em circunstâncias bem estranhas, um forasteiro extermina uma família... É bem o tipo de coisa que Aguinaldo está curtindo escrever, uma história de aventuras no universo rural...

Tieta

Mas nada conseguirá nesse mundo fazer mudar Aguinaldo, mesmo depois de 15 romances publicados, de seis novelas interpretadas na TV, de tanta glória e fama, visto que, no momento, um dos trabalhos de que participou, *Tieta*, é amado e discutido loucamente em Portugal. Nada, nem todas as regras da vida burguesa e pacata, o faz abandonar sua paixão pela velha Lapa, onde morou de 1966 a 1970, até que tudo aquilo desmoronou inapelavelmente, destruído por um desses planos que, de quando em quando, mudam o mapa das cidades e a vida dos cidadãos.

Aguinaldo, este ano, ficou dois meses diante da tela colorida de um editor de texto que escreve tão suavemente, vivendo de novo suas aventuras dramáticas na Lapa, no meio da barra mais pesada que se imaginar possa... entre prostitutas, tra-

vestis, tiras do calibre de Mariel Mariscott, que assustava até os bandidos mais famosos da Lapa, porque era um traidor infatigável, disposto a fritar qualquer um, em pouca banha e por quase nada.

Deslumbrado com a idéia de que era um novo Jean Genet — o escritor francês apologista de uma cultura e uma vida construídas sob o signo da marginalidade e da paixão, em que qualquer coisa mais contida era inadmissível —, o rapazinho vindo de Pernambuco, onde publicara, aos 16 anos, um romance, se atirou na Lapa e numa vida em que só a paixão e a intensidade eram permissíveis. "A maioria das pessoas que eu conheci na Lapa desapareceu. Eles viviam com muita intensidade, ninguém se poupava; eu sentia muito amor por aquelas pessoas mas elas foram morrendo... Não sobreviveram para relatar suas histórias. Comigo era diferente porque eu sabia que estava na Lapa mas não era da Lapa".

Uma das "figuras" que Aguinaldo Silva conheceu na Lapa foi o mítico Madame Satã, malandro diferente porque, contra a tradição da classe, era homossexual. O que não impedia, por sua vez, de ser um brigão daque-

les, apto a enfrentar na perna um batalhão e meio de tiras, ai incluindo os tiras de má índole, conhecidos como "canas duras". Mas Aguinaldo reconhece que aquele homem já era uma caricatura do Madame dos tempos gloriosos, um personagem preocupado em estender o mais possível pelo futuro as antigas proezas. Madame Satã aparecia só de vez em quando na Lapa, porque morava agora na Ilha Grande, onde passou boa temporada preso, e por lá foi ficando.

Estoque de experiências

Rainha da Lapa de verdade na imaginação e nas histórias de Aguinaldo Silva é um travesti de nome de guerra "Débora", célebre no bairro boêmio por seu arrojo em fugir da polícia ou algum inimigo poderoso pulando, destemidamente, do segundo andar de um enorme sobrado. Tal habilidade terminou valendo a Débora o codinome de "bicha voadora". A verdade é que essa Débora era uma das figuras mais perigosas da velha Lapa. Mas terminou gostando muito de Aguinaldo, de quem se fez amiga.

No território boêmio, Agui-

naldo trocou a literatura pela vida. Cultivava a vida "com som e fúria", como proclamava o bom William Faulkner. Assim, ele acha que conseguiu acumular um estoque enorme de experiências humanas, o que consolidou, mais tarde, quando, por muitos anos, foi repórter policial do *Globo*, do Rio. Ora, Aguinaldo acha que esse é um belo *handicap* em sua carreira de escritor, que o levou casualmente para a televisão, em 1985, quando a Globo o convidou a escrever um *Plantão de Polícia*. Aliás, isso veio em boa hora porque ele estava exausto, mesmo, do seu trabalho de repórter policial. Os homens da Globo se encantaram com seu texto... Ele virou exclusivo da tevê.

"Mas você não pode imaginar que um cara possa ser feliz e ser escritor de novelas", diz ironicamente. De qualquer forma, Aguinaldo proclama que essa experiência da Lapa, esse corpo-corpo com a vida lhe deu um bocado de material literário, entre outras coisas. "E o que mais me incomoda na literatura brasileira é a falta de vivência que sinto nos autores, nos livros que eu leio".

Escrevendo roteiros de televisão, romances, histórias para o

cinema, Aguinaldo Silva diz que tem uma satisfação. "Eu me orgulho de ter muitas histórias porque sou uma coisa rara neste país: sou um ficcionista. Jorge Amado é um ficcionista. Rubem Fonseca é um ficcionista mas em seu último livro não é. José Lins do Rego é um ficcionista mas Graciliano Ramos não é. João Ubaldo é um cronista mas Guimarães Rosa é um ficcionista e um narrador de estilo impressionante. Faltam bons ficcionistas como faltam boas histórias para o cinema brasileiro. No Brasil, os intelectuais acham que uma boa história é uma coisa menor".

Agonia da Lapa

Certo é que Aguinaldo viveu histórias impressionantes naqueles anos em que a Lapa agonizava. Sua experiência é bem diferente da vivida por Manuel Bandeira, um Luis Martins ou um Cândido Portinari, boêmios mais suaves. A turma de Aguinaldo não era brincadeira... De quando em quando, a barra pesava. Era risco de vida. Certa vez, uns policiais o agarraram pelo cangote, o confundindo com um assassino de taxistas... Outra vez, um inimigo

denunciou a pessoa com quem morava, como sendo o ladrão de uma metralhadora, desaparecida no carro de um general. Os tiras cercaram sua casa. Ele e o amigo fugiram pulando de telhado em telhado, como se fossem discípulos do ladrão paulistano dos tempos românticos, Gino Meneghetti. Finalmente, Aguinaldo terminará sendo preso pelo Cenimar por ter escrito o prefácio de um livro de Che Guevara...

Enquanto a vida rolava nos redutos boêmios da Lapa — restaurante Capela, o Indígena, as leiterias Bol e Brasil, casarões em que as prostitutas aplicavam o golpe do suadouro roubando o último tostão dos incautos clientes — o fim do bairro era decretado. Mas nessa altura, em 1970, Aguinaldo tinha outras confusões a mais a resolver.

"Naquela altura eu percebi que tinha de cair fora da minha Estação Lapa. Eu vi que ou continuava, e virava uma daquelas pessoas, ou tinha de sair. Mas isso coincidiu com o fim da Lapa. Cada dia, caía meia dúzia de sobrados... As pessoas estavam encurraladas... Aqueles escumbros pareciam o cenário de uma guerra". Assim, implacavelmente a Lapa romântica, perigosa foi desaparecendo. Quando os boêmios se deram conta não existia mais o Cabaré Novo-México. "E de suas noites — escreve Aguinaldo em *Lábios que Beije* — restava apenas o anúncio de neon, agora apagado."

Made in England

De que vale a incredulidade dos boêmios se os operários surgiam com suas marretas "e paredes inteiras eram desmontadas sem que eles se preocupassem em preservar os azulejos portugueses, ou as louças dos banheiros todas made in England, ou os frisos art-nouveau, ou as escadas circulares de ferro, importadas da Europa, e que, arrancadas sem nenhum zelo, serviriam depois para enriquecer as dos antiquários em bairros mais nobres."

A Lapa acabou? Aguinaldo, no livro que tem o subtítulo de *Romance da Lapa*, por sugestão do próprio editor Caio Graco, conta essa história. A Lapa acabou. Por acaso ele não voltou àquele espaço e nada mais viu da velha Lapa? "É por isso que eu não gosto mais de ir lá; aquilo é uma coisa lunar, desolada. Aquilo não é a Lapa".

Mas o próprio Aguinaldo Silva diz em *Lábios que Beije* uma outra coisa, talvez mais verdadeira.

Quando ouvia falar (do fim da Lapa) me perguntava: como poderíamos destruir uma coisa que só existia dentro de cada um de nós? Era com a nossa alma que a refazíamos todas as noites e com o nosso sumo interior que a preençíamos, que a transformávamos naquele território tantas vezes amaldiçoado.

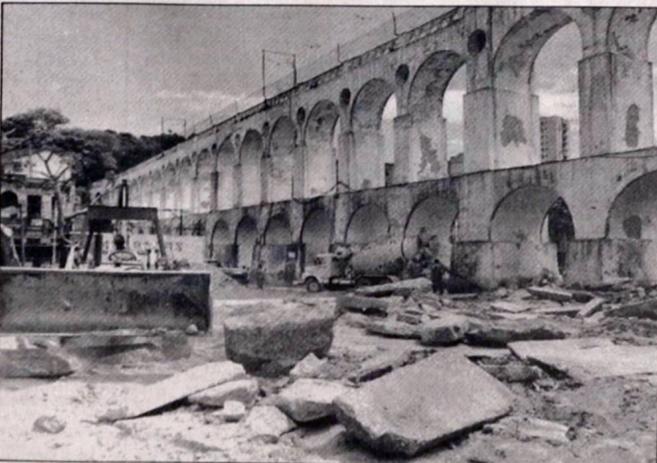
Marcos Faerman

Uma paixão dos artistas, sempre.

Numa curiosa *Antologia da Lapa*, organizada pelo pernambucano Gasparino Damata, já falecido, se descobre que até o famoso conto "Uns Braços", de Machado de Assis, se passa na Lapa. Mas a Lapa boêmia, dos cabarês, bilhares, malandros famosos, gigolôs e prostitutas, e onde os primeiros travestis anunciavam sua presença no universo carioca, essa Lapa tem seu apogeu de 1929 até o fim dos anos 30.

"À noite — escreveu o crítico literário Bricio — era difícil conseguir cadeira num café. Os cabarês cheios. O vozeiro era ouvido à distância — todo mundo bebendo e cantando feliz. Uma beleza!" Bricio, paulista, foi um dos muitos intelectuais e artistas que se apaixonou pela mística da Lapa.

Ali morou e teve seu ateliê, numa casa assobradada, Cândi-



Carlo Lemeira/AE

Restos da velha Lapa, que desapareceu a golpes de picareta.

Um cheiro de morte e destruição

Um trecho do livro *Lábios que Beije*, em que Aguinaldo Silva descreve a morte de uma prostituta chamada "Twist", em contraponto à demolição da Lapa: "Era uma morte feia, eu pensei, era uma agonia que não terminaria já — Twist era uma lutadora. E embora não vencesse jamais, nunca se entregava facilmente. Mas o cheiro daquela morte já estava no ar, subia do seu corpo e ocupava todo o quarto, era forte demais e, por mais discreta que fosse a nossa respiração, não poderíamos deixar de senti-lo. (...) Provavelmente, levado pelo vento, o cheiro já ultrapassara a janela e começara a se espalhar por toda a Lapa — afinal, era um

cheiro conhecido de todos, a própria Lapa morria: a menos de cem metros dali, naquela mesma tarde, mais um sobrado fora demolido, o cerco se fechava e todos sabiam: Twist morria no bairro que também fora seu nos últimos anos, enquanto arquejava, arquejava e gemia, ela mais e mais se aproximava da paz que

seria aquela morte — que no entanto ela rejeitava — e o próprio bairro ia sobreviver por pouco tempo à sua agonia. Eu me dizia tudo isso enquanto, tentando fugir àquele cheiro, me debruçava no pedaço de janela, mas apenas pra ver, um quarteirão adiante, os homens que trabalhavam em outro sobrado com suas picaretas."

seria aquela morte — que no entanto ela rejeitava — e o próprio bairro ia sobreviver por pouco tempo à sua agonia. Eu me dizia tudo isso enquanto, tentando fugir àquele cheiro, me debruçava no pedaço de janela, mas apenas pra ver, um quarteirão adiante, os homens que trabalhavam em outro sobrado com suas picaretas."